
A TRADUÇÃO E A TEORIA DE POLISSISTEMAS

*John MILTON**

Introdução

Nos últimos 20 anos um grupo de estudiosos oriundos de Tel Aviv e dos Países Baixos, ligados à literatura comparada, desenvolveu teorias sobre a tradução que tiveram um grande impacto na tradutologia. Os membros do grupo, que se origina nos anos 70 nos Países Baixos e Israel, países nos quais a tradução desempenhou um papel grande na formação da literatura; compartilham várias idéias sobre a tradução literária. Primeiro, não consideram a literatura como um conjunto de valores já estabelecidos dentro do qual as obras literárias têm valores permanentes, sendo a tradução considerada como derivativa e secundária.

Os escritores discutidos aqui vêem a literatura não como um sistema fixo, mas como um sistema dinâmico e complexo dentro do qual há uma mudança constante dos valores das várias obras e gêneros. Uma tradução literária não é examinada do ponto de vista da precisão, expressão ou brilho com os quais consegue refletir o original; em vez disso, analisa-se o lugar que a tradução ocupa dentro do sistema-alvo. Uma tradução não é analisada isoladamente, simplesmente em conexão com seu original, mas é vista como parte de uma rede de relações que inclui todos os aspectos da língua-alvo, e este papel pode ser ou central ou periférico dentro do sistema-alvo.

As teorias de Itamar Even-Zohar

Itamar Even-Zohar, em “The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem” (“A posição da tradução literária dentro do polissistema literário”)⁸⁰, analisa o papel da literatura traduzida no

* Universidade de São Paulo.

sistema literário, adaptando as idéias de obra de Iuri Tynianov⁸¹ a tradução. A obra traduzida pode ocupar qualquer posição no sistema literário: alta, baixa, conservadora, simplificada ou estereotipada. Quando a tradução ocupa uma posição primária, “participa ativamente em modelar o centro do polissistema”⁸². Nesse caso, a tradução seria geralmente inovadora, associada a grandes acontecimentos no desenvolvimento histórico de determinada literatura, introduzindo tendências novas vindas de fora do país. Nessas circunstâncias, há uma grande possibilidade de não haver uma distinção clara entre obras originais e traduzidas. Às vezes, traduções são disfarçadas em obras originais, e muitas vezes os escritores já consagrados se encarregam das traduções mais importantes. Assim, a tradução torna-se uma das maneiras principais de introduzir novos modelos em uma dada literatura. Obras estrangeiras, especialmente escolhidas pelos proponentes do novo tipo de literatura, serão, assim, traduzidas a fim de introduzir na literatura nativa “uma nova linguagem poética, novas formas métricas, técnicas, entoações”⁸³.

Um aspecto que Even-Zohar estuda é a fronteira entre uma obra traduzida e uma obra original. Quando a literatura traduzida ocupa posição central, as fronteiras de tradução são difusas. O escritor não procura modelos em sua própria literatura nacional, mas transfere modelos e convenções para sua própria obra. Assim, encontramos um grande número de imitações de obras estrangeiras. Também encontramos pseudo-traduições — o autor finge que a obra original seja uma tradução. Dessa maneira, se a suposta “tradução” vem de uma literatura de maior prestígio, como quase sempre acontece, seu trabalho é considerado de maior valor. *Don Quijote*, a mais famosa pseudo-tradução já escrita, pertence a uma época onde o romance espanhol de cavalaria e as convenções cavalearescas estavam fracas e exaustas.

Por outro lado, quando a literatura traduzida está em uma posição secundária, o tradutor tentará encontrar modelos já prontos para o texto traduzido: acomoda o texto estrangeiro ao texto traduzido. A literatura traduzida na Alemanha, no fim do século XVIII e no começo do século XIX, já foi mencionada como sendo uma literatura de muita força que levou a literatura alemã a imitar modelos estrangeiros, ao passo que a literatura traduzida na França, nos séculos XVII e XVIII, estava em uma posição muito secundária. Toda tradução teve que se conformar com as normas francesas, de forma que tudo o que foi traduzido na época foi afrancesado.

As perguntas que os seguidores das teorias de Even-Zohar fazem são diferentes das do estudante da traduzibilidade de um texto. Ele não perguntará: “Capturou o tradutor A a essência do texto melhor do que o tradutor B?”, mas sim “Quais são as forças literárias que produziram as traduções A e B?” ; “Qual é a posição das traduções A e B dentro de sua literatura?; e “Qual é a relação entre as traduções A e B?”

Assim, este método é descritivo. O comentarista tentará levar em conta os vários elementos dentro da natureza de uma tradução: analisará uma grande variedade de traduções produzidas num certo período, o desenvolvimento histórico da tradução em uma dada sociedade, as esperanças de traduções em uma dada cultura, e a influência do mercado editorial em traduções.

As teorias de Gideon Toury

Gideon Toury, também da Universidade de Tel Aviv, deu continuidade ao trabalho de Even-Zohar. O ponto central do seu trabalho é baseado na ideia de que haja certas normas que o tradutor deveria seguir, impostas pela sociedade e pela conjuntura na qual ele vive.

Toury lista vários tipos de normas:

1) Normas preliminares: são as normas que operam antes da própria análise de textos; elas têm a ver com política da tradução. No seu artigo “Norms of Translation into Hebrew, 1930-1945”⁸⁴, Toury inclui nessa parte da análise as línguas fonte, o tipo de romance, informações sobre os tradutores, as editoras, e se havia línguas intermediárias; por exemplo, no caso de traduções de línguas pouco conhecidas como tcheco e espanhol, as traduções foram feitas de versões russas e alemãs.

2) normas operacionais: são as normas que afetam as decisões tomadas durante o processo de tradução, distintas em:

2 a) normas matriciais que afetam a distribuição de material no texto; por exemplo, se as traduções contêm acréscimos ou cortes; se há mudanças no título ou subtítulo; se a distribuição de parágrafos e capítulos sofre mudanças;

2 b) normas textuais que afetam ou determinam a seleção de material na língua alvo que toma o lugar do material original; o estilo desse material pode ser mais sofisticado ou mais coloquial do que o original; expressões idiomáticas ou colocações fixas podem ser usadas; ou a linguagem pode ser explicativa, ampliando as idéias originais.

É de importância capital decidir se a tradução tentará ser fluente na

língua de chegada, ou se procurará levar elementos do original à tradução. Toury chama o primeiro tipo de tradução de “aceitável” e o segundo de “adequado”. Outras decisões vão resultar dessa decisão inicial: uma tradução considerada “adequada” não sofrerá mudanças na matriz; não haverá cortes ou acréscimos ou mudanças na paragrafação; seu registro será semelhante ao original. Enquanto isso, as traduções “aceitáveis” sofrerão cortes; a sua formatação e seu estilo poderão ser mudados para o que o leitor espera desse tipo de literatura, por exemplo, trechos coloquiais poderão ser mudados para um registro mais formal. Aqui entra o conceito do polissistema. Quando a obra traduzida é canonizada, isto é, quando está no centro do polissistema, a probabilidade é que se faça uma tradução “adequada”; ao contrário, quando está na periferia do polissistema, ou seja, uma obra não canonizada, a probabilidade é que haja uma tradução mais “aceitável”. No estudo de Toury, quase todas as traduções do russo eram de obras clássicas, e a maioria das obras traduzidas do inglês eram de romances mais “populares”. As primeiras obras foram traduzidas sem cortes e com bastante fidelidade ao original; e as segundas foram traduzidas com cortes e acréscimos e uma elevação do estilo nos trechos coloquiais.

Em “The Description of Translated Texts”⁸⁵ Toury enfatiza a importância do elemento histórico nas descrições das traduções. Fatores sociais têm grande influência tanto nas teorias sobre a tradução como nos fatores que influenciam as teorias sobre a tradução. O próprio Toury, em “Norms of Translation into Hebrew”⁸⁶, descreve as grandes mudanças que aconteceram com as traduções para o hebraico durante a época do nazismo na Europa central.

Outro elemento crucial na teoria de Toury é a ênfase que dá ao estudo das próprias traduções e à comparação entre várias traduções da mesma obra, ou uma série de traduções. Esse tipo de comparação é mais importante do que intermináveis comparações entre a tradução e o texto fonte. A tradução tem sua própria identidade na língua alvo, pode trazer mudanças à língua e influenciar outras traduções a serem feitas, do mesmo, ou de outros textos, mas não afetará a língua fonte.

Discussão

Uma das maiores vantagens da teoria dos polissistemas é que ela fornece um modelo não prescritivo e paradigmático, e um molde que podem ser facilmente adaptados à pesquisa. Os citados acima são

somente alguns exemplos dos muitos estudos dos últimos quinze anos que estão baseados nos modelos de Even-Zohar e de Toury.

Nos anos oitenta, a novidade das teorias do polissistema era uma característica atraente. Mas, nos anos noventa, podemos ver várias críticas dessa teoria. Uma das mais fortes vem de Edwin Gentzler, em *Contemporary Translation Theories*⁸⁷. Para Gentzler, a teoria de polissistemas tem uma tendência excessiva a universalizações, unidade e funcionalismo. Essa tendência ao formalismo puro preocupa Gentzler: os textos são vistos como fatos empíricos, as normas culturais são definidas como regras estáticas e as múltiplas tendências dentro de épocas históricas são reduzidas a leis unificadas de comportamento. A impressão dada é que cinco ou seis normas são aplicáveis a todos os textos.

Os sistemas que não se conformam aos polissistemas são considerados como deficientes. Tudo sempre pode ser explicado e explicitado. Não há nenhuma investigação de exceções, que, talvez, fossem interessantes. As formas são platônicas e a estética é clássica. Essa universalização está ligada ao “texto adequado”, um texto não variável, que seria uma tradução perfeita de todo o conteúdo e de todos os elementos estilísticos do original. Para Gentzler, isso é uma contradição na parte de Toury. Por um lado, ele aponta o fato de que todo sistema é diferente de qualquer outro em termos de estrutura; por outro lado, sugere que a mesma forma estrutural universal, *à la Chomsky*, subjaz a vários sistemas de linguagem.

Outro elemento que Gentzler não aprova é o descaso de Toury e Even-Zohar em relação a traduções que não sejam literárias.

A teoria de polissistemas também foi criticada pelo crítico e tradutor francês, Antoine Berman⁸⁸. Uma primeira crítica que ele faz é sobre a colocação de Toury de que as traduções estão integradas à literatura da cultura alvo. Berman acredita que isso só acontece com certas traduções famosas, como nos casos das traduções da *Bíblia* de Lutero e a *King James Version*, a *Plutarca* de Aymot, as *Mille et Une Nuits* de Galland e o *Shakespeare* de Schlegel. As demais traduções não se integram na literatura do país e permanecem conhecidas como traduções.

Berman insiste na individualidade de cada tradutor e tradução. Embora essa tradução possa estar sujeita às normas da época, elementos individuais e idiosincráticos, que são ignorados por Toury e Even-Zohar, desempenharão um papel significativo na tradução final. O tradutor sempre será um sujeito autônomo.

Outro problema que Berman aponta é que a teoria de sistemas representa uma “suspensão de certa atitude natural do leitor de traduções, como propõe uma neutralidade total de julgamento”⁸⁹. A “atitude natural” é de criticar ou de elogiar uma tradução; na teoria de polissistemas a tradução é objetivada, é um objeto de conhecimento e toda tradução é justificada. Assim, o crítico está numa situação pouco natural.

Uma possível adaptação do funcionalismo da teoria do polissistema vem de André Lefevere, que considera patrocínio, condições sociais e econômicas como elementos que manipulam as formas e as escolhas de traduções. Lefevere usa o termo “refração” para “textos que têm sido processados para certos públicos, por exemplo, crianças, ou adaptados a uma certa poética ou a uma certa ideologia”⁹⁰. Uma tradução é uma das várias maneiras de se adaptar um texto a um certo público ou a uma certa ideologia. A maior parte de nosso conhecimento dos clássicos não vem da leitura das obras originais, mas através de refrações tais como uma adaptação para televisão, o cinema, o teatro, versões para crianças, artigos críticos, etc..

Porém, acho que deveríamos examinar esse problema do ponto de vista do próprio tradutor. O tradutor recebe por página, em geral de US\$7 a US\$9. Uma tradução de um autor “difícil”, como Faulkner ou Joyce raramente paga mais do que o preço normal por lauda. Qualquer tradutor que for traduzir uma obra em dialeto vai ter que gastar bastante tempo na pesquisa do dialeto. Por exemplo, o tradutor de *Huckleberry Finn*, pode tentar usar formas dos negros da Bahia para a fala de Jim. Mas conseguir fazer tal tarefa de uma maneira boa levaria um tempo muito grande, pelo qual o tradutor não vai receber. Além disso, o tradutor não tem a certeza de que essas formas de baixo calão sejam aceitas pelo copydesk, que é geralmente bastante normativo. Raros são os tradutores que podem impor suas ideias às dos revisores. Assim, não há nenhum tipo de incentivo para o tradutor experimentar com a linguagem. A tradução de romances é um trabalho por encomenda, na qual há pouca possibilidade de trabalhar elementos estilísticos.

Podemos ver que uma das tendências atuais dos estudos sobre a tradução é o interesse no próprio tradutor. O saudoso Antoine Berman, em *Pour une critique des traductions: John Donne*, tenta tirar o tradutor do anonimato: deveríamos saber quem ele ou ela é; de quais línguas traduz; se faz alguma coisa além de traduzir; quais outras obras traduziu;

se também escreveu outros livros, etc. É a falta de interesse no próprio tradutor que constitui a grande fraqueza da teoria de polissistemas.

NOTAS

⁸⁰ EVEN-ZOHAR, I. *Literature and Translation*. Louvain: Acco, 1978. p.117-27.

⁸¹ Veja particularmente o ensaio de Yuri Tynianov Da evolução literária, In TOLEDO, D. de O. (org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.

⁸² EVEN-ZOHAR. op.cit. p.120.

⁸³ Ibid., p.121.

⁸⁴ Norms of Translation into Hebrew, 1930-1945, In TOURY, G. *Search of a Theory of Translation*. Tel Aviv: Porter Institute for Poetics and Semiotics, p.122-39.

⁸⁵ Translational Solutions and Translational Relationships: Toward the Description of Translated Texts, in TOURY, G. op.cit., p.89-111.

⁸⁶ Op.cit., p.122-39.

⁸⁷ GENTZLER, E. *Contemporary Translation Theories*. London: Routledge, 1992.

⁸⁸ BERMAN, A. *Pour une critique des traductions: John Donne*, Paris: Gallimard, 1995.

⁸⁹ Ibid., p.62.

⁹⁰ LEFEVERE, A. Literary Theory and Translated Literature. In: *Dispositio, Revista Hispánica de Semiótica Literária*, v. VII, 1982, p.3-22. Esta citação é da p.13. Ver também LEFEVERE, A. *Translation, History, and the Manipulation of Literary Texts*. Routledge, 1991.